

CATEQUESE: A ALEGRIA DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

(DOCUMENTO DE TRABALHO)

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOUTRINA DA FÉ

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ

Quinta do Cabeço, Porta D – 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55 E-mail: snec@snec.pt

Apresentação

Necessidade de responder a uma preocupação urgente da catequese

Na recente visita “ad limina” dos bispos das dioceses portuguesas, Setembro de 2015, o Papa Francisco manifestou uma preocupação que, certamente, todos partilhamos: o abandono da prática cristã da parte de grande número de adolescentes e jovens. Para responder a esta situação recomendou, designadamente ao catequista e à comunidade, a passagem do modelo escolar ao catecumenal. Esclareceu, nesse sentido, que a catequese deve propor não apenas conhecimentos cerebrais mas o encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional.

Não é nova esta preocupação. Sempre nos custou o abandono da Igreja nestas idades, depois de tão grande dedicação da catequese à sua formação cristã. Também já ouvimos outras vezes a necessidade da passagem do modelo doutrinal ao catecumenal. Mas a visita “ad limina” confere-lhe maior urgência pois é uma avaliação feita pelos sucessores dos apóstolos em ordem à renovação pastoral para preparar o futuro da vida cristã. Está, portanto, na altura de nos debruçarmos sobre este problema, pedirmos a luz de Deus, e esforçando-nos por encontrar algumas pistas de resposta a este desafio.

Nos últimos anos, a Igreja em Portugal, tem procurado pôr em prática um processo de renovação da catequese na linha da pedagogia catecumenal. Em muitas comunidades avançaram iniciativas interessantes e

com frutos visíveis. Graças a Deus e a bons catequistas (padres, religiosos e leigos) também podemos verificar que muitos jovens e adolescentes, crianças e pais, participam com convicção e gosto na prática cristã. Devemos portanto questionar-nos: Além da graça de Deus, que iniciativas da nossa parte os motivaram a perseverar?

Por outro lado, o Magistério da Igreja, concretamente o Papa Francisco, oferece-nos perspectivas e acentuações para uma nova evangelização que é necessário cuidar e introduzir na catequese. Por isso, achámos, portanto, nós bispos que formamos a Comissão Episcopal de Educação Cristã, elaborar um documento com algumas dimensões que merecem novo relevo na catequese. Proposto à Conferência Episcopal Portuguesa, decidiram os bispos desta Assembleia que fosse considerado um documento de trabalho e enviado aos educadores da fé para que possam refletir nas dificuldades e frutos que observam e, a partir da sua experiência de base, pronunciar-se sobre as novas acentuações que referimos nesta proposta em ordem a renovar a catequese.

Pedimos, portanto, a todos os educadores que leiam atentamente o documento de trabalho (ler, meditar, ruminar...) e respondam às questões colocadas no fim de cada capítulo.

Índice

Cap. I Renovação conciliar da catequese

- 1. Necessidade de rever a renovação da catequese*
- 2. Novas acentuações*

Cap. II Novos desafios

- 3. Rutura na transmissão da fé*

Obstáculos e aberturas à fé cristã

- 4. Novos contextos culturais*
- 5. Responsabilidade da família*
- 6. Importância da Escola*
- 7. Globalização*
- 8. Nós semeamos, Deus faz crescer*

Cap. III Novas oportunidades para o Evangelho

- 9. Pela força do Espírito Santo a Igreja recomeça sempre de novo*
- 10. Sinais de recomeço*
- 11. Preparar o futuro da vida cristã*
- 12. Fontes da fé para o caminho*
- 13. Alicerçar a alegria e a fraternidade*
- 14. Construir uma sociedade habitável*

Cap. IV Catequese no horizonte evangelizador e missionário

- 15. A catequese como momento da evangelização*
- 16. Catequese querigmática e mistagógica*
- 17. Fé – encontro e caminho*
- 18. Fé como experiência pessoal*
- 19. Palavra de Deus, luz e fonte para o caminho*
- 20. Novas formas de encontro com a Palavra de Deus*
- 21. Dimensão orante da catequese*
- 22. Catequese e liturgia*
- 23. Catequese e missão*

Cap. V Exercícios práticos

- 24. Anúncio e exercícios de fé*
- 25. Palavra e sinais*
- 26. Recursos pedagógicos*

Cap. VI Formar discípulos missionários

- 27. Comunidades cristãs formadas por discípulos missionários*
- 28. Paróquia comunidade missionária*
- 29. Discípulos missionários*

Formação cristã de adultos

- 30. Prioridade da educação cristã dos adultos*
- 31. Preparação para os sacramentos da iniciação cristã*
- 32. Pedagogia catecumenal*
- 33. Movimentos Eclesiais*
- 34. Catequese na família e pela família*
- 35. Formação de agentes pastorais*

36. Grupos de encontro ao redor da Bíblia

37. Preparação dos sacramentos

Educação cristã de adolescentes e jovens

38. Afastamento de jovens e adolescentes

39. Muitos jovens vivem a fé em Igreja

40. Perspectivas na evangelização dos jovens

41. Educação cristã dos adolescentes

Catequese de infância

42. Preocupações atuais na catequese de infância

43. O despertar da fé na primeira infância

Cap. VII Igreja Mãe e Mestra

44. Igreja comunidade que acolhe, educa e testemunha a fé

45. Catequista, rosto e porta-voz da comunidade

46. A alegria do caminho do Senhor

CAP. I: RENOVAÇÃO CONCILIAR DA CATEQUESE

1. Necessidade de rever a renovação da catequese

A Igreja renova-se constantemente na sua vida e missão. Notamos esse dinamismo de renovação permanente sobretudo após o Concílio Vaticano II. A catequese, como ação fundamental da Igreja, entrou decididamente neste movimento de renovação. Como fruto e continuação do dinamismo conciliar foram publicados, a nível da Igreja Universal, documentos de grande riqueza sobre catequese, entre os quais destacamos: “*Evangelii Nuntiandi*”, Paulo VI, 1975, (EN); *Catechesi Tradendae*, João Paulo II, 1979, (CT); *Catecismo da Igreja Universal*, João Paulo II, 1992, (CIgC); *Directório Geral de Catequese, Congregação para o Clero*, 1997, (DGC).

Ao celebrarmos os cinquenta anos do Concílio é oportuno fazer o ponto da situação e, tendo presente o caminho feito, a experiência adquirida, os novos desafios e as novas orientações, entretanto publicadas pelo Magistério da Igreja, designadamente pelo Papa Francisco, definir algumas propostas para o futuro. A recente “*visita ad limina*” dos bispos de Portugal (7 a 11 de setembro de 2015) reforçou esta necessidade de revermos o percurso de renovação da catequese nas nossas comunidades e procurarmos melhorar a sua prática.

Na Igreja em Portugal temo-nos empenhado ativamente no movimento de renovação da catequese. Nessa linha, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) publicou alguns documentos que animaram a renovação desta atividade pastoral nas nossas dioceses. Tornou-se uma referência a Carta Pastoral de 1984 na qual os bispos portugueses procuraram esclarecer a necessidade da pedagogia catecumenal no processo da fé e determinaram três prioridades pastorais para a Igreja em Portugal: 1. Anunciar a fé aos não crentes, no sentido do Primeiro Anúncio (preocupação missionária); 2. Catequizar ou aprofundar a fé (preocupação catequética); 3. Animar cristãmente as realidades temporais (preocupação apostólica). Consideramos, nessa Carta, a

catequese como tarefa urgente e recomendamos várias expressões para a pôr em prática.

Outra preocupação que tivemos em Portugal foi introduzir a dinâmica catecumenal na catequese. Nesse sentido, foi elaborado o percurso nacional de catequese para dez anos, estruturado em etapas celebrativas e atento ao crescimento nas várias dimensões da fé (conhecer, celebrar e praticar). Este projeto foi aprovado pela CEP em Novembro de 1988 e a publicação dos respetivos catecismos começou a partir de 1991.

Dentro da preocupação pela pedagogia catecumenal, foram ainda publicadas pelos bispos portugueses em 2005, orientações para a catequese com o título “Para que acreditem e tenham a vida” (ATV). A finalidade apresentada foi a de aplicar ao nosso contexto as novas diretivas do Diretório Geral de Catequese, situando-a na nova evangelização e realçando a pedagogia da iniciação cristã. Procurámos também envolver as comunidades e as famílias na educação da fé e conjugar a ação dos catequistas com a da comunidade e da família. Assim, esclarecendo a identidade da catequese, entende-se melhor a função e as características dos novos catecismos.

A nível operativo fizemos avanços significativos: concretizou-se a catequese dos adultos e, dentro destes, a formação dos pais e familiares, reconhecendo e apoiando o papel decisivo da família na educação cristã. Fez-se a revisão e elaboração de novos catecismos e novos compêndios de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC); criaram-se guiões para apoiar a Catequese Familiar e a Escola Paroquial de Pais; aprofundou-se a identidade da catequese da adolescência; promoveu-se a linguagem digital.

Nos últimos decénios, alcançámos uma reflexão rica sobre os métodos, o conteúdo, a identidade e o lugar prioritário da catequese na evangelização. Procurámos elaborar instrumentos atualizados. Chamámos e formámos agentes de pastoral que se entregam à missão de acompanhar o crescimento da fé na catequese. Temos hoje um corpo

de catequistas, bem como de pastores, comunidades cristãs e famílias, conscientes e preparados para que se dê à catequese a importância prioritária que lhe pertence. Reconhecemos estes frutos e damos por eles graças a Deus.

2. Novas acentuações

Mas os contextos culturais mudam continuamente e colocam desafios sempre novos à educação da fé. Face aos novos condicionamentos, a Igreja, tanto a nível do Magistério como dos obreiros que acompanham e orientam a ação catequética nas igrejas locais, tem lembrado algumas dimensões da fé que poderão estar mais débeis ou esquecidas e a que devemos prestar mais cuidado.

Entre algumas diretrizes ou documentos que, nos anos mais recentes, abriram à catequese horizontes de renovação, destacamos a recomendação do Papa Bento XVI aos bispos portugueses na “visita ad limina” em novembro de 2007 de *“verificar a eficácia dos percursos de iniciação cristã atuais”*. Este convite despertou para uma reflexão nas dioceses de Portugal que deu origem à publicação de uma Nota Pastoral intitulada *“Promover a Renovação Pastoral da Igreja em Portugal”*.

Também o atual Pontífice, Papa Francisco, nos ofereceu orientações muito oportunas na Exortação Apostólica *“Evangelii Gaudium”* (2013), um texto paradigmático da sua missão e programático do seu ministério. Mais recentemente, no discurso que nos entregou na “visita ad limina” (setembro de 2015), chama a nossa atenção para o *“abandono da prática cristã da parte de grande número de adolescentes e jovens”* e recomenda-nos algumas pistas para refletirmos numa possível resposta pastoral a esta situação. Entre elas, parece-nos que devemos realçar o *“pedido ao catequista e à comunidade de passar do modelo escolar ao catecumenal, (propondo) não apenas conhecimentos cerebrais mas encontro pessoal com Jesus Cristo vivido em dinâmica vocacional”*. Há algum tempo que experimentamos esta preocupação de passarmos do modelo escolar para o modelo catecumenal. Alguns passos demos nesta direção mas

precisamos de continuar a procurar uma concretização mais eficaz deste objetivo.

Neste cenário entendemos oportuno publicar uma Carta Pastoral com uma síntese das principais acentuações na renovação da catequese que permitam enfrentar os novos condicionamentos e preparar o futuro da vida cristã. Corresponde a um desejo dos principais colaboradores da ação catequética das nossas comunidades. Tem a preocupação de traduzir na ação pastoral aspetos já conhecidos doutrinalmente mas cuja prática não alcançámos ainda. Esta Carta não pretende ser exaustiva mas desencadear uma reflexão que leve a uma renovação permanente da catequese.

Para refletir e dialogar sobre o cap. I: Renovação Conciliar da Catequese

Que principais linhas de renovação de Catequese se alcançaram nas nossas comunidades?

A que novas acentuações é necessário, neste momento, prestar especial atenção para uma catequese mais eficaz?

CAP. II: NOVOS DESAFIOS

3. Rutura na transmissão da fé

Alerta-nos a Exortação “Evangelii Gaudium”, confirmando o que todos verificamos e que outros documentos da Igreja haviam já avisado: *“Não podemos ignorar que, nas últimas décadas, se produziu uma rutura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico. É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica, que cresceu o número de pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um certo êxodo para outras comunidades de fé...”* (EG 70, Cf também n.os 74-75).

Na realidade portuguesa observamos frequentemente esta rutura. Há crianças que chegam à catequese sem ter recebido na família os rudimentos do cristianismo: benzer-se, rezar orações simples, sentido de Deus, ideia de Jesus... Esta situação indica-nos que em casa os sinais ou expressões da fé estão ausentes. Rompeu-se, realmente, a cadeia de transmissão de pais para filhos e de avós para netos, não só da fé mas igualmente dos valores, tradições, referências. A dimensão espiritual e moral da educação é descurada pela sociedade e pelas famílias. Neste ambiente, das crianças que se matriculam na catequese, muitas desistem pelo caminho: umas logo após a Primeira Comunhão, outras na adolescência. Dos jovens que celebram o Crisma, são bastantes os que abandonam as práticas e expressões que alimentam a fé, se é que chegaram a experimentá-las. De facto, muitos passam pela catequese mas não adquirem o gosto e os hábitos de contactar com as fontes da vida cristã onde se recebe a força e a graça para o caminho do Evangelho: os ritmos de oração, a leitura orante da Palavra de Deus, o encontro vivificante com Cristo na Eucaristia. Sem a água viva das fontes da fé como poderão alimentar a vida espiritual e permanecer unidos a Cristo?

A que se deve esta rutura? Certamente a mensagem cristã mantém, em todos os tempos, a mesma força da verdade e da beleza. Serão as pessoas

de hoje menos sensíveis à dimensão espiritual da vida e ao mistério cristão? Ou mais dispersas e superficiais? Serão os educadores que se demitem da sua missão? Recorrendo à parábola do semeador, a rutura estará no terreno (destinatários) ou nos semeadores (pais, educadores, comunidades)? Ou em ambas as partes?

Obstáculos e aberturas à fé cristã

4. Novos contextos culturais

Encontramos, de facto, novos contextos culturais e sociais que condicionam a educação da fé. O secularismo parece avançar e penetrar profundamente nas consciências e na vida dos nossos contemporâneos. Tornou-se uma cultura, uma forma de pensar e de agir em que Deus não conta. Não se trata apenas do afastamento da prática religiosa mas da perda do sentido de Deus. Confrontamo-nos, realmente, com uma exculturação da fé, uma cultura sem referências cristãs. E quando Deus está ausente também os fundamentos antropológicos se diluem. A perda do sentido de Deus mostra-se, de facto, associada à perda do sentido da transcendência e da dignidade da pessoa humana.

Mas, em contrapartida, notamos também sinais contrários como, por exemplo: a procura de espiritualidade, o desejo de liberdade interior (a verdadeira liberdade cristã), o apreço e dedicação à solidariedade, a valorização da memória e dos sinais religiosos, o apreço pelo património moral e artístico do cristianismo. O humanismo e a proximidade evangélica do Papa Francisco tem despertado muita gente para a fé e mostrado como o sentido religioso do bem e da verdade está vivo no coração de muitos contemporâneos, mesmo dos que se julgam agnósticos.

5. Responsabilidade da família

A família, principal e decisivo lugar de educação cristã, tem sido profundamente atingida pela dispersão, pelo individualismo e pela dependência

dos meios informáticos que, frequentemente, fecham as pessoas no seu mundo e dificultam o encontro e o diálogo. Muitos educadores, pais e encarregados de educação, demitem-se da responsabilidade de transmissão da fé e dos valores, argumentando deixar aos filhos a decisão de ir ou não à catequese ou às aulas de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC); a separação e dispersão da família (filhos de pais separados que num fim de semana estão num lado e noutro fim de semana noutro) cria igualmente muitas dificuldades a uma educação continuada.

Mas encontramos também muitos educadores atentos e dedicados ao acompanhamento dos filhos. Vemos muitas famílias preocupadas com o convívio familiar e o desenvolvimento integral e harmonioso dos filhos. Conhecemos muitos avós, pais e educadores que procuram acompanhar e orientar os mais novos no caminho cristão e se esforçam por participar e colaborar ativamente com outras instituições educativas como a Escola e a Igreja.

6. Importância da Escola

A Escola ocupa hoje uma grande fatia do tempo das crianças, adolescentes e jovens e procura oferecer um ensino de qualidade. Nem sempre a quantidade de informação está associada à transmissão de valores e à orientação na sabedoria que capacite estas idades para uma compreensão e discernimento da realidade e dê sentido e unidade à vida das pessoas e da sociedade despertando para a responsabilidade pelo bem comum. Neste contexto devemos defender e valorizar a presença da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) como disciplina necessária para transmitir a sabedoria da fé e colaborar no desenvolvimento da vida comunitária.

Os tempos livres são preenchidos por muitas atividades culturais e desportivas. Os mais novos andam, frequentemente, apressados e dispersos para chegar a todas as atividades em que estão envolvidos. O

tempo de catequese da infância e adolescência encontra-se, muitas vezes, comprimido num horário apertado que torna difícil a concentração e o silêncio para poderem experimentar o encontro com Deus que a catequese procura favorecer.

7. Globalização

A globalização é outra marca do atual contexto cultural. As pessoas, sobretudo as mais novas, são constantemente confrontadas, nas redes sociais, com inúmeras propostas, solicitações, informações que influenciam fortemente a forma de pensar e de agir para além da escola e da família. Na abundância e complexidade de tantas informações falta frequentemente a unidade. Este ambiente gera alguma confusão e relativismo que não favorece o sentido do absoluto de Deus e o acolhimento da sabedoria do Evangelho.

Desenvolve-se e difunde-se a cultura urbana e dissolve-se a influência da comunidade local de vizinhança na transmissão de tradições e de referências. Este fenómeno do urbanismo contribui ao desenvolvimento do individualismo e pluralismo ético em que cada um seleciona as ideias e os comportamentos não segundo o critério de verdade e autenticidade mas consoante as conveniências pessoais.

Precisamos de olhar o fenómeno do urbanismo à luz da fé pois *“Deus vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça”* (EG 71). As culturas urbanas constituem, portanto, um desafio a novos métodos de evangelização e de catequese (Cf EG 71-75).

8. Nós semeamos, Deus faz crescer

Estas circunstâncias tornam difícil o ato catequético e provocam, em bastantes catequistas, preocupação e desânimo. Muitas vezes ouvimos lamentar que a catequese não toca o coração e não fideliza os catequizandos. A ampla renovação dos métodos e conteúdos da catequese havia

despertado nos obreiros desta atividade eclesial grandes expectativas. Gerou-se uma onda de entusiasmo sobre o desenvolvimento da fé e o crescimento da Igreja. Hoje, porém, temos, a impressão de que os frutos não corresponderam ao projeto. O abandono da prática cristã de muitos adolescentes e jovens, referido pelo Papa Francisco, verifica-se também em muitas crianças e famílias. Porque se afastam tantos fiéis se receberam uma catequese renovada?

Esta interrogação convida-nos a rever a nossa pedagogia e a melhorar a nossa maneira de fazer catequese. Na verdade, acreditamos que o Senhor está sempre conosco e é em obediência à Sua palavra que lançamos de novo as redes, orientando-as, se for necessário, para outro lado, como fizeram os apóstolos confiantes na Palavra de Jesus, depois de uma noite infrutífera de pesca (Cf Jo 21, 1-7). Apoiados na Sua força precisamos, portanto, de continuar o percurso de renovação da catequese na linha do Concílio e das propostas mais recentes do Magistério da Igreja. Nesse sentido, procuramos envolver as comunidades, os pastores, os pais, os catequistas e os educadores neste dinamismo de renovação permanente.

Segundo o Evangelho, a nós pertence-nos semear, lançar a semente à terra com confiança em Deus e despreendimento dos resultados. E entregar à graça de Deus o aparecimento dos frutos (Cf 1 Cor 3, 6-12). Fazer catequese é colaborar com o desígnio de Deus. Não é projeto nosso mas de Deus através da Igreja. Por isso, semeamos sem pressa de colher. Os frutos aparecerão a seu tempo, no tempo de Deus e não no tempo dos nossos projetos. Aqui se aplica também o princípio indicado pelo Papa Francisco na “*Evangelii Gaudium*”: *“Na construção de um povo, o tempo é superior ao espaço. Este princípio permite trabalhar a longo prazo sem a obsessão pelos resultados imediatos. (...) Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços”* (EG 222-223). Na mesma linha se pronuncia a Bíblia: *“São do homem os projetos do coração mas a resposta vem do Senhor”* (Pr 16, 1).

Para refletir e dialogar sobre o cap. II: Novos desafios

Rompeu-se a cadeia de transmissão, de pais para filhos e de avós para netos, não só da fé mas igualmente dos valores, tradições, referências. O secularismo parece avançar e tornar-se uma cultura, uma forma de pensar e de agir em que Deus não conta.

A análise apresentada (ruptura na transmissão da fé...) corresponde à sua experiência? Serão estes os aspetos da realidade que mais influência têm na adesão à fé? Indica outros? Porque é importante acentuar que nós apenas semeamos mas é Deus quem faz crescer?

CAP. III: NOVAS OPORTUNIDADES PARA O EVANGELHO

9. Pela força do Espírito Santo a Igreja recomeça sempre de novo

O segredo da vitalidade da Igreja, que a faz recomeçar sempre de novo, é o Espírito Santo que desceu no Pentecostes, como vento que impele e fogo que aquece. Realmente, fez os apóstolos perderem o medo e infundiu-lhes a coragem de ir pelo mundo anunciar o Evangelho e dar a vida por Jesus Ressuscitado. Em todos os tempos e ainda hoje, acontecem novos Pentecostes que continuam a rejuvenescer a Igreja, a abrir portas para a fé e a escrever novas páginas da Igreja Apostólica. Deste modo, em momentos de desânimo devemos recorrer ao Espírito Santo e invocar a sua luz e força para nos inspirar e conduzir por caminhos novos. Por isso, é em ambiente de oração que devemos fazer catequese.

10. Sinais de recomeço

Podemos descobrir muitos sinais de recomeço e renovação na vida dos fiéis e das comunidades. Parece-nos assistir ao fim de uma cultura cristã e, por outro lado, à procura do mistério de Deus e do sentido para a vida. Como muitos reconhecem, termina um certo tipo de cristianismo mas abre-se a porta a um perfil de cristão mais evangélico. Há realmente adultos e jovens que descobrem ou redescobrem a fé e se empenham, com entusiasmo, pela missão; crianças que aderem com encanto à amizade com Jesus. É a novidade da ressurreição, são “*rebentos de ressurreição*” que brotam desta força de vida que penetrou o mundo (Cf EG 276). Não é o regresso ao passado. O cristianismo sociológico, apoiado no ambiente, dependente do “fez-se sempre assim” ou “todos fazem assim” passou. A situação de cristandade não volta. É uma imagem nova de cristão que emerge, livre e esclarecido, que vive a fé como dom e missão.

Portanto, os tempos não são piores nem melhores, são diferentes. Por muitos sintomas que observamos, parece que as pessoas não são menos

abertas à fé do que em tempos passados. Como esclarece o Papa Francisco: *“Há quem se console dizendo que hoje é mais difícil... Não digamos que hoje é mais difícil: é diferente”* (EG 263). De facto, há também procura e regresso da religião. Por isso, os atuais contextos culturais e religiosos desafiam-nos a estar atentos aos novos sinais dos tempos e a escutar o que o Espírito Santo tem a dizer às Igrejas.

11. Preparar o futuro da vida cristã

O perfil do cristão que o Evangelho nos propõe, e que anteriormente referimos, corresponde à nossa cultura que apregoa a liberdade e a decisão pessoal. À catequese pertence apresentar Jesus como caminho novo para a verdade e para a vida e acompanhar os catequizandos nesse caminho. É uma proposta colocada à liberdade de cada um, na convicção de que a mensagem de Jesus dá resposta aos desejos mais profundos do coração humano (Cf GS 21; EG 265). Assim, na fidelidade a Deus e ao homem atual, a catequese prepara os catequizandos para viver a fé como uma graça num mundo diferente, numa mudança de época.

Preparar o futuro da vida cristã é também apetrechar cada catequizando para continuar o caminho do Evangelho após a catequese. De facto, os frutos da catequese verificam-se no período que vem depois do percurso de formação sistemática, na etapa futura da vida adulta. É realmente depois do tempo da catequese que muitos abandonam a prática da fé.

12. Fontes da fé para o caminho

Nesse sentido, é indispensável que a catequese ensine a fazer caminho e exercite os catequizandos no contacto com as fontes da fé, onde, depois, cada um deverá ir beber: aquisição de ritmos de oração; preparação e gosto pelo contacto assíduo com a Sagrada Escritura; participação na celebração dos sacramentos; integração ativa na comunidade. Não poderá a catequese ter a pretensão de que se aprenda tudo no período em que nela se participa pois muitas coisas não se poderão comportar

nessa altura. O objetivo é que aprendam a aprender pois o caminho faz-se caminhando. Deste modo, após os encontros de catequese, poderão continuar a alimentar a fé e a progredir no caminho do evangelho.

Perante os novos desafios vem em nosso auxílio a Exortação Apostólica do Papa Francisco que nos convida a avançar com uma conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão (Cf EG 25-33). Importa, por isso, repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores. A catequese deve também “sair” e procurar novos caminhos de renovação.

13. Alicerçar a alegria e a fraternidade

Experimentamos, neste momento, uma “emergência educativa” associada à dificuldade de transmitir valores e referências morais e sociais. Numa Carta que escreveu aos bispos, o Papa Bento XVI alerta-nos para este facto: *“O verdadeiro problema neste momento da nossa história é que Deus possa desaparecer do horizonte dos homens e que, com o apagar-se da luz vinda de Deus, a humanidade seja surpreendida pela falta de orientação, cujos efeitos destrutivos se manifestam cada vez mais”*.

Sem a luz da fé as pessoas ficam na escuridão. Em Jesus Cristo, Deus oferece-nos a luz do sol nascente que vem das alturas iluminar o nosso caminho. A fé oferece-nos o sentido da vida, mostra o “oriente” (donde vem a orientação) e ensina-nos o caminho que leva ao encontro com Deus, fonte de esperança e de caridade, de sabedoria e de paz. A relação de amizade com Deus Pai desperta para o sentido da fraternidade humana. Nesse sentido, o evangelho convida a sair de si mesmo para se abrir aos outros, à realidade, a Deus. Por isso, a fé tem uma força espiritual que pode transformar a vida das pessoas conduzindo-as para a retidão e despertando-as para a responsabilidade pelo outro, pela natureza e pelo mundo.

14. Construir uma sociedade habitável

Além de oferecer uma luz para o caminho de cada um, a fé responsabiliza-nos também pela construção de uma sociedade habitável, justa e solidária: *“A fé não se apresenta apenas como um caminho, mas também como edificação, preparação de um lugar onde os homens possam habitar uns com os outros (...). Ilumina as relações entre os homens porque nasce do amor e segue a dinâmica do amor de Deus” (LF 50)*. Na verdade, a fé leva-nos a acolher o reino de Deus que é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14, 17) e a colaborar na sua edificação no mundo.

Concluimos assim como a educação na fé é um sólido fundamento da educação humana e social e contribui a vencer algumas debilidades da nossa cultura, como o individualismo, a crise de valores morais, a indiferença perante o outro, a superficialidade e o vazio. Em Jesus Cristo encontramos a imagem de Deus e a imagem do homem.

Esta crise moral mostra como é hoje importante e bela a missão dos educadores cristãos. Estes são os que acreditam que Deus quer um homem novo à imagem de Cristo e um mundo melhor onde habite a paz e a justiça. Abraçam a missão de ser luz e fermento da novidade do Evangelho. Confiam e apoiam-se na graça de Jesus e na força do Espírito Santo. Deus faz maravilhas quando encontra servos humildes e disponíveis para servir o desígnio de Deus. Pela ação dos catequistas e dos evangelizadores passam muitos e admiráveis dons que enriquecem o mundo e embelezam a Igreja.

Ao mesmo tempo, os novos contextos tornam necessárias algumas opções na conversão pastoral da catequese, tantas vezes recomendadas mas que, com frequência, permanecem ainda no campo do projeto e das palavras de ordem sem concretização eficaz. É a reflexão do próximo capítulo.

Para refletir e dialogar sobre o capítulo III: Novas oportunidades para o evangelho

Ao analisar a realidade não podemos fixar-nos apenas nos aspectos negativos e cair no pessimismo ou na nostalgia dos velhos tempos. Há também sinais positivos de desejo de Deus e de recomeço da vida cristã. A sensibilidade atual das pessoas apresenta, por outro lado, características que podem ser aberturas para a fé.

Que sinais de abertura e de recomeço da vida cristã nota no seu meio? Como responder à sensibilidade e à procura das pessoas de hoje? Como preparar, no tempo da catequese, o futuro da vida cristã?

Um sinal novo é a procura de espiritualidade que oferece muitas possibilidades de evangelização e de educação da fé. Como pode dar-se maior importância à espiritualidade na catequese?

CAP. IV: CATEQUESE NO HORIZONTE EVANGELIZADOR E MISSIONÁRIO

15. A catequese como momento da evangelização

Uma primeira opção para que a catequese responda aos novos contextos é situá-la no horizonte evangelizador e missionário da pastoral. Se a catequese for entendida e realizada numa perspectiva da pastoral de manutenção, ou seja, apenas como uma rotina para preparar a celebração das festas tradicionais da Primeira Comunhão, Profissão de Fé e Crisma e não proporcionar uma experiência pessoal de encontro com Cristo, não prepara o futuro da vida cristã.

Esta opção de fundo conduz a uma segunda: a passagem do modelo escolar (didático) ao modelo catecumenal (caminho do discípulo). De facto, quem descobre e adere a Jesus Cristo recebe uma vida nova pelos sacramentos e segue um caminho novo iluminado pela sua Palavra. Um caminho aprende-se experimentando, procurando o rumo, fazendo exercícios, dando passos, adquirindo ritmos e não apenas através de temas doutrinários.

16. Catequese querigmática e mistagógica

Destas opções de fundo, a evangelizadora e a catecumenal, decorrem outras dimensões também frequentemente recomendadas que devem integrar a catequese atual: a querigmática e mistagógica (Cf EG 163-166). Num ambiente de descrença a catequese deve retomar e apoiar-se constantemente no “Querigma”, ou seja, no que é mais importante e mais belo, Jesus Cristo Salvador. Não de forma teórica mas testemunhal e espiritual, numa relação íntima entre catequese e liturgia e testemunhos de vida cristã. Por seu lado, a dimensão mistagógica valoriza a experiência espiritual de união com o Senhor vivida nos sacramentos, na escuta da Palavra de Deus e na oração.

Concluimos que tornar a catequese evangelizadora é entendê-la e realizá-la como realidade rica e dinâmica constituída por vários momentos essenciais que prepararam ou desenvolvem a catequese: primeiro anúncio; experiência de vida cristã; celebração da fé; integração na comunidade eclesial; testemunho apostólico e missionário (CT 18 e 19). Esta conversão, exigida pela passagem de uma Igreja de cristandade a uma Igreja missionária, implica que a catequese saia do seu acampamento seguro e se integre e conjugue com as outras ações pastorais e com a vida global da comunidade cristã.

Antes de mais precisa de solidificar o alicerce. De facto, a catequese tem em vista o crescimento da vida cristã, supõe a fé inicial. Mas estará esta base segura e consciente? Se os destinatários não acreditam nem estão abertos ao sentido da presença de Deus, a catequese não desperta interesse, é como árvore sem raízes, não pega. Tempos atrás, esta base vinha da família que transmitia aos filhos o sentido de Deus. Mas hoje muitos chegam à catequese sem qualquer iniciação. Têm somente a capacidade de acreditar conferida pelo Batismo e pela ação do Espírito Santo. Por isso, a catequese atual deve ter a preocupação de comunicar o “Querigma” em ordem a despertar continuamente a fé inicial (CT 18 e 19; EG 164).

17. Fé – encontro e caminho

“Ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia mas o encontro com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (Deus Caritas Est 1). Cristão é o que descobre Cristo como um amigo com quem pode contar e, portanto, confessa como São Paulo: *“Eu vivo na fé do filho de Deus que me amou e se entregou por mim” (Gal 2, 20).* É desta forma que os evangelhos nos apresentam os crentes: aqueles que se encontram com Jesus e, devido a este encontro, transformam a vida. Acontece assim na sua vida histórica, por exemplo com os primeiros discípulos apresentados pelo Evangelho

de São João. Ou com Mateus, Madalena, Bartimeu e tantos outros. O mesmo acontece após a ressurreição: Jesus encontra-se várias vezes com os apóstolos e, com as suas aparições, dá-lhes numerosas provas de que está vivo (Cf Act 1, 3) e presente na comunidade pela Palavra das Escrituras e pela Eucaristia. Este encontro transforma-os, prepara-os e incentiva-os para a missão.

De facto, a catequese precisa de acompanhar os catequizandos numa experiência pessoal de encontro com o Senhor Ressuscitado. Por isso, como atrás dissemos, a catequese deve estar profundamente associada aos vários momentos da evangelização, designadamente ao Primeiro Anúncio (“Querigma”) que cuida do encontro com o Senhor e do início do caminho da fé. De facto, a especificidade da catequese é o aprofundamento da fé pelo ensino sistemático. Mas sem uma experiência de encontro com Cristo não há interesse nem motivação para conhecer e aderir à mensagem de Cristo, ainda que tenha beleza e atualidade. É o encontro com a pessoa de Jesus Cristo que converte a forma de ver e de proceder, que desperta o desejo de viver na sua amizade, de conhecer a sua mensagem e seguir o seu caminho. Portanto, a catequese, não pode ser apenas a transmissão de conhecimentos, ou de valores morais e humanos, ou a preparação para celebrar os sacramentos. Todas estas dimensões têm uma base que as sustenta: o encontro pessoal com Cristo vivo. Para viver a fé no atual é indispensável esta experiência interior.

18. Fé como experiência pessoal

Na realidade encontramos muita gente na Igreja, mesmo com responsabilidades pastorais, que não fizeram ainda uma experiência de encontro pessoal com o Senhor Jesus vivo e presente na nossa vida. Vivem de tradições, são fiéis a práticas mas não experimentam a realidade do encontro pessoal com Cristo que transforma (converte) e enche de alegria. Sem esta experiência interior falta vida e dinamismo à fé e credibilidade para o testemunho do Evangelho.

Desta convicção concluímos duas preocupações que sempre nos devem acompanhar na transmissão da fé. Primeira: renovar e aprofundar constantemente o encontro com o Senhor, procurá-lo cada dia sem cessar (Cf EG 3); segunda: levar os outros a experimentar este encontro e acompanhá-los no caminho do Evangelho. Estas duas preocupações inspiram ao perfil do educador cristão: como o apóstolo André, é alguém que primeiramente faz um encontro pessoal com Jesus, depois vai anunciar ao irmão e acompanha-o no caminho para o mesmo encontro (André acompanhou e apresentou a Jesus o seu irmão Pedro). O encontro leva ao caminho e à missão.

19. Palavra de Deus, luz e fonte para o caminho

Como pode a catequese conduzir os catequizandos ao encontro com o Senhor? De muitas formas e maneiras o Senhor vem ao nosso encontro: pela palavra das Sagradas Escrituras; pela oração; pela Eucaristia; pela comunidade; e pelo testemunho dos crentes. Como vemos no ícone de Emaús, as palavras da Escritura aquecem o coração, iluminam o olhar da alma e despertam a oração (“fica connosco, Senhor”). Realiza-se verdadeiramente o que afirma a Dei Verbum: *“Nos livros sagrados o Pai que está nos céus vem ao encontro de seus filhos”* (DV 21). Assim, a escuta da Palavra de Deus conduz à oração e prepara para o encontro sacramental com a presença real de Cristo na Eucaristia. Daí nasce o testemunho e a integração na comunidade missionária. O encontro pessoal leva ao encontro com os outros e gera alegria e vontade de O seguir e testemunhar.

A Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” (174 e 175) recomenda todos os fiéis a uma formação contínua pela escuta da Palavra, recomendando que as dioceses, paróquias e grupos católicos proponham um estudo sério e perseverante da Bíblia e promovam igualmente a sua leitura orante pessoal e comunitária. Só mediante o contacto assíduo e vivencial com a Sagrada Escritura podemos ser discípulos missionários.

Precisamos realmente da luz e do alimento da Palavra de Deus que tem uma força espiritual própria; aquece o coração quando andamos desanimados; é fonte de sabedoria que nos leva a ver na luz de Deus; converte e renova a vida dos crentes; nos momentos confusos e de provação é firmeza da fé e fonte límpida e perene de vida espiritual (Cf DV 21). No ambiente de indiferença religiosa a descoberta da Palavra viva do Evangelho tem sido, para muitos afastados, uma porta para a fé.

20. Novas formas de encontro com a Palavra de Deus

Nos tempos pós-conciliares o contacto com a Sagrada Escritura tem-se desenvolvido. A teologia e a pregação apoiam-se mais claramente na Bíblia; a catequese procura também inspirar-se na Sagrada Escritura e pôr em contacto com os textos bíblicos. Neste momento é necessário progredir em ordem a uma leitura orante quotidiana da Palavra de Deus. Na linha da recomendação anteriormente precisamos de lançar formas novas de encontro ao redor da Palavra de Deus (Cf EG 174-175).

21. Dimensão orante da catequese

A catequese para levar ao encontro com Jesus precisa de estar associada à oração. Aprender catequese não é apenas conhecer coisas sobre Jesus, é aprender a falar com Ele, a viver com e como Ele, a ser seu discípulo, amigo e testemunha. Na mesma perspectiva, entendemos que o bom catequista não apenas fala de Jesus mas fala com Jesus a respeito daqueles que lhe foram confiados e com eles fala a Jesus, ou seja, reza com os catequizandos, acompanha-os na oração.

A oração é também um caminho, uma aprendizagem que progride para o crescimento da amizade e da configuração com Cristo. “Senhor, ensina-nos a rezar”, pediram os apóstolos e devemos pedir também todos nós. Para estar ligada à vida, a oração precisa de acompanhar e refletir as nossas situações existenciais. Por isso, a forma de rezar da infância deve abrir-se às novas experiências de cada fase etária pois em cada situação

precisamos de redescobrir a oração. Só com esforço nos elevamos à luz da presença de Deus.

A oração deve ter a estrutura da fé, configura-se portanto como um diálogo pessoal, íntimo e profundo entre Deus e cada ser humano. Por isso, a oração cristã implica um movimento de saída de si mesmo para se encontrar e dialogar com Deus.

22. Catequese e liturgia

A catequese conduz à liturgia onde se realiza a obra de redenção humana e de perfeita glorificação de Deus (Cf SC 5). De facto, é nos Sacramentos, sobretudo na Eucaristia celebrada na comunidade, que encontramos os sinais visíveis e palpáveis do encontro com Deus. Na liturgia celebramos o encontro, um encontro mais profundo e global que o da catequese, pois se realiza em várias dimensões (palavra, rito, silêncio, canto). Sem a liturgia a catequese ficaria incompleta (sem plena realização) pois na liturgia encontra o cume e a fonte (Cf SC 10). A catequese fala de Jesus e leva a Jesus. A liturgia celebra a presença sacramental de Jesus.

Ora, na realidade pastoral, esta relação profunda parece falhar. Frequentemente, entre as novas gerações, a Eucaristia é entendida como uma obrigação sem gosto. De facto, quando falta o sentido da presença de Deus e a experiência do encontro na Eucaristia, esta torna-se um rito exterior. Por outro lado, a beleza, a participação e a dignidade da celebração nem sempre são suficientemente cuidadas, a linguagem litúrgica é pouco compreendida. Devemos portanto cuidar atentamente da mistagogia, do conhecimento vivencial dos ritos e símbolos, do silêncio, da linguagem e do canto que nos põem em comunicação com o mistério da presença de Cristo. Depois de uma experiência de encontro com o Senhor, a liturgia adquire sentido e compreensão progressiva como nos lembra a Exortação “*Evangelii Gaudium*”: *“A evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e evangeliza-se com a beleza da liturgia que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar”* (EG 24).

23. Catequese e missão

Quem recebe a luz de Deus e por ela se deixa iluminar, reflete naturalmente essa luz à sua volta. Quem se entusiasma pelo evangelho sente também entusiasmo pela missão de levar a todos o amor e a esperança que descobriu na fé. Um verdadeiro discípulo é, por natureza, missionário. Experimenta a missão como uma graça que enriquece os outros e fortalece a sua própria fé.

O crescimento no caminho da fé está, portanto, associado ao crescimento da missão. É um caminho que leva a sair ao encontro dos outros, sobretudo dos que estão nas periferias do sofrimento ou da solidão, a tornar-se próximo e solidário, a escutar e a partilhar os bens espirituais e materiais. A fé age pela caridade e a caridade traduz-se na proximidade, na atenção e ajuda fraterna, na confissão de fé perante os homens, na preocupação de os levar ao encontro com o Senhor.

O missionário é enviado por Jesus, conta com a sua força, participa da sua missão de levar a todos o Evangelho que liberta e cura. Por isso, sair em missão é uma honra e um motivo de alegria. Ainda que tenha de deixar as zonas de conforto, as comodidades e apegos, o missionário torna-se mais livre e disponível para se entregar ao serviço de Deus e dos homens. E a vida, quando se entrega, recebe-se em plenitude como promete o Evangelho. Por isso, ao partilhar dons recebidos de Jesus – a fé, a esperança, o amor, a misericórdia e a paz – o missionário encontra uma fonte de alegria que torna a sua existência bela e fecunda.

Para refletir e dialogar sobre o cap IV: Catequese no horizonte evangelizador e missionário

Este é um capítulo fundamental para renovar a catequese no nosso tempo: situá-la num horizonte evangelizador. Como avalia as dimensões referidas neste capítulo? Como traduzi-las na prática? Que mudanças implicam?

Decisivo no processo de catequese é a experiência pessoal do encontro com Cristo. Na vida dos catequistas, na sua concretamente, renova-se e aprofunda-se constantemente este encontro com Cristo? Como? Como pode o catequista levar a este encontro?

CAP. V: EXERCÍCIOS PRÁTICOS

24. Anúncio e exercícios de fé

Ao longo do capítulo anterior, procurámos realçar a perspetiva evangelizadora da catequese, mostrando-a como “realidade rica e dinâmica” que deve integrar, portanto, não só o anúncio de Jesus Cristo por palavras mas igualmente por exercícios de vida cristã que façam crescer na prática do Evangelho e interiorizar uma experiência pessoal de encontro com o Senhor. Se conseguirmos conjugar harmoniosamente estas duas dimensões – anúncio por palavras e por exercícios de fé – podemos avançar do modelo escolar para o catecumenal dando resposta ao pedido do Papa Francisco. São convicções já conhecidas e assumidas mas que, neste momento, pedem práticas novas.

De facto, a imagem e a realidade da catequese apresentam-se ainda escolarizadas: tempo de frequência e de férias coincidentes com o ano escolar, espaços de encontro e pedagogia semelhantes. Mas a catequese não pode ser apenas ensino dirigido ao cérebro. Ao longo desta Carta realçámos outras imagens mais abrangentes, dinâmicas e consentâneas com o Evangelho e o modelo catecumenal: o encontro, o caminho, a luz da Palavra, a conversão ao amor e à esperança. Ora o encontro experimenta-se e vive-se, o caminho faz-se peregrinando, o amor e o serviço praticam-se. Encontrar-se com o Jesus e entrar na sua intimidade transforma a pessoa. Seguir o caminho do Evangelho leva a sair de si mesmo e a esforçar-se por seguir uma nova orientação.

Nesta sequência, como conclusão, achamos oportuno recordar alguns exercícios práticos que ajudam a catequese a proporcionar o encontro e a orientar no seguimento e na prática do Evangelho. O catecismo é um instrumento importante para fazer catequese. Mas para que esta se torne uma experiência de encontro e um caminho, o catequista precisa de empregar outros meios igualmente importantes que fomos lembrando ao longo da presente Carta Pastoral e agora resumimos:

- * Retiros com momentos de silêncio, oração pessoal e partilha que despertem uma experiência pessoal de fé.
- * Momentos fortes de oração que criem ritmos de oração quotidiana.
- * Itinerários mistagógicos que permitam uma experiência pessoal da riqueza dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia.
- * Tempos de leitura meditada da Bíblia, com oração e partilha, que motivem para a leitura pessoal em casa.
- * Atividades de voluntariado social de visita a pessoas ou instituições onde há solidão ou doença.
- * Participação e animação de práticas da piedade popular: devoção a Nossa Senhora e oração do rosário; tradições para viver o Advento, o Natal, a Quaresma, a Páscoa e outros tempos litúrgicos.
- * Participação em peregrinações a lugares santos ou igrejas significativas para o grupo.
- * Experiências missionárias de ir ao encontro de quem necessita de ajuda, de partilhar e iluminar com a luz da fé os que procuram o sentido da vida e a paz.

Estes exercícios e práticas favorecem a assimilação e a interiorização da mensagem do Evangelho. Não basta cuidar da transmissão mas é indispensável dar importância à compreensão e à assimilação dos catequizandos (dos ouvintes em geral). Não conta só o que dizemos mas o que os ouvintes entendem e guardam no coração. É isso que permanece para a vida.

Em certas etapas do itinerário da catequese, estes exercícios, que amadurecem e personalizam a experiência de fé, merecem um relevo especial e necessitam ser programados e realizados com todo o cuidado. Destacamos, de modo especial, a preparação e celebração do Crisma, altura em que se completa a iniciação cristã.

25. Palavra e sinais

O anúncio do Evangelho é feito por palavras e por sinais. Foi assim que Jesus pregou a Boa Nova e assim também enviou os discípulos a pregar e a realizar sinais. Como afirma o Livro dos Actos dos Apóstolos a propósito da pregação de Paulo e Barnabé, *“O Senhor dava testemunho à Palavra da Sua graça concedendo que se fizessem sinais e prodígios pelas mãos deles” (Act 14, 3)*. Os sinais eram as curas, a libertação do mal, a fraternidade e ajuda dos crentes, a vida espiritual e a fortaleza dos apóstolos...

Da mesma forma, hoje, a catequese precisa de se apoiar em sinais visíveis para não correr o risco de ser abstrata. Os sinais concretizam e dão atualidade ao anúncio. Que sinais podemos valorizar?

- * O testemunho presencial apresentado ao vivo por crentes que procuram seguir Jesus com entusiasmo, convicção e alegria.
- * A atitude de amizade e acompanhamento dos catequistas e educadores.
- * O exemplo e o testemunho de vida de santos, especialmente os mais ligados à comunidade local.
- * Visitas guiadas que permitam o conhecimento do património artístico, sobretudo o que mostra imagens bíblicas.
- * Encenações de episódios bíblicos.
- * Utilização de linguagens visuais.
- * Recurso a cânticos adequados que criem atitude de oração.
- * Sinal fundamental, sacramento de Cristo por excelência, é a Igreja presente na comunidade cristã. Por isso, *“a comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese” (DGC 254)*. A vida cristã da comunidade torna visível e concretiza a mensagem proclamada pela catequese. Por isso, é importante valorizar encontros com a comunidade que levem a conhecer e a integrar-se na sua vida e missão (apresentação nas festas de catequese; participação ativa nas

celebrações; contacto com os animadores das atividades pastorais). No último capítulo aprofundaremos esta dimensão.

26. Recursos pedagógicos

“A importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância dos métodos e dos meios” (EG 156), recomenda-nos o papa Francisco na Exortação *“Evangelii Gaudium”*, recordando alguns recursos que certamente já notámos nas suas pregações.

“Escutar e partilhar a vida das pessoas”, é o primeiro recurso. Sobretudo na evangelização de adultos, não podemos partir do nada, pois eles têm uma aprendizagem prática adquirida com a experiência da vida e, por isso, precisam de ser ouvidos e tidos em conta. Mas, embora em medida diferente, acontece o mesmo com as outras idades. Nesta linha, o catequista (ou evangelizador ou animador) deve considerar-se e apresentar-se como alguém que precisa e gosta também de aprender com os outros. E que partilha, em atitude humilde e testemunhal, a sua própria experiência de fé. É muito importante que não se apresente como catedrático mas como amigo que reparte, acompanha no caminho e vai aprendendo sempre (Cf EG 127-128).

Por outro lado, não pode pretender dizer tudo o que sabe mas apenas o que as pessoas precisam e podem receber. Que a exposição ou pregação não seja demasiado extensa mas diga apenas o que é necessário e possa ser recebido sem aborrecimento. Às vezes, por querermos dizer muitas coisas, cansamos e não somos escutados. Por isso, sigamos o conselho: *«“Sê conciso no falar. Muitas coisas em poucas palavras” (Sir 32, 8)» (EG 156)*.

Destacamos ainda outros recursos pedagógicos referidos pelo Papa que não podemos esquecer no anúncio da Palavra: a) utilizar imagens que tornam a mensagem familiar, próxima, possível relacionada com a vida (Cf EG 157); b) simplicidade e clareza da linguagem, evitando as palavras estudadas nos livros (Cf EG 158); c) fazer propostas positivas, ou seja, em vez de insistir no que não se deve fazer, dar mais relevo ao que se pode fazer melhor fugindo das críticas e dos lamentos (Cf EG 159).

Lembramos, a concluir, outra preocupação pedagógica a ter presente para que as propostas de formação tenham continuidade e se situem num caminho progressivo: cada momento ou etapa do percurso não podem ser realizados como ações pontuais, desgarradas ou com a preocupação de querer ensinar tudo. São encontros que orientam e se encadeiam com outros, são postos de abastecimento que alimentam e motivam para continuar. O importante é despertar o gosto de aprender sempre mais e motivar para fazer outra etapa. Cada passo e cada etapa devem ser entendidos no caminho longo do discípulo que continuamente deve progredir para a plena configuração com Cristo, o homem novo.

Para refletir e dialogar sobre o capítulo V: Exercícios práticos

Para levar ao encontro com Cristo e passar do modelo escolar ao catecumenal, precisamos de pôr em prática alguns exercícios ou atividades espirituais.

(nº 24) Que exercícios espirituais devemos valorizar com mais cuidado? Como concretizar?

Que podemos fazer para levar à participação nas celebrações litúrgicas dos tempos fortes da liturgia?

Como valorizar os exercícios da piedade popular?

Como promover na vida dos catequistas e catequizandos a leitura orante assídua da Sagrada Escritura?

(nº 25) Tendo em conta a sua experiência e as características do seu meio, quais os sinais que entende merecerem maior relevo na catequese?

(nº 26) Dos recursos pedagógicos indicados, quais considera mais importantes para passar da pedagogia escolar à pedagogia do encontro?

CAP. VI: FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

27. Comunidades cristãs formadas por discípulos missionários

As acentuações na renovação da catequese que temos vindo a referir, levam-nos a concluir o perfil de crente que devemos ajudar a formar: “O discípulo missionário”. Esse é o objetivo que pretendemos alcançar na catequese: levar cada catequizando a encontrar Cristo como um amigo que vem ao seu encontro e o chama a caminhar com Ele e a colaborar na missão, esperando dele uma responsabilidade concreta ao serviço da humanidade que Ele ama. Vai nessa mesma linha o discurso do Papa Francisco aos bispos portugueses, várias vezes citado, que tem como pano de fundo o ícone de Emaús como modelo para a catequese: *“Se Jesus se põe a caminho com o jovem e lhe fala ao coração, este seguramente abrasa-se. (...) A nossa felicidade depende absolutamente de individualmos e seguirmos o chamamento para tal missão”*.

Este perfil é fundamental para formarmos comunidades cristãs evangelizadoras capazes de apoiar uma catequese eficaz. Na verdade, uma comunidade viva e missionária é formada por discípulos missionários e não apenas por cristãos de tradição que cumprem o preceito dominical mas não irradiam por um testemunho convincente.

28. Paróquia comunidade missionária

Muitas vezes temos insistido na necessidade de formar comunidades vivas e missionárias. Este termo entrou no vocabulário pastoral. Mas serão as nossas paróquias, à partida, verdadeiras comunidades missionárias?

A paróquia é *“casa que se abre para todos e está ao serviço de todos, ou como gostava de dizer o Papa João XXIII, o fontanário da aldeia a que todos acorrem na sua sede”* (ChFL 27). Funciona, portanto como centro de serviços religiosos para todos os que os procuram, lida com as multidões, segundo a expressão do Evangelho, que precisam e têm direito

aos dons de Deus e ao alimento espiritual. Nem todos, porém, os que recorrem aos serviços da paróquia se integram na sua vida comunitária e participam da missão pastoral.

Para que a paróquia se transforme em comunidade missionária, precisa de formar no seu interior células eclesiais à medida humana. Ou seja, seguindo a pedagogia de Jesus, de entre as multidões tem de chamar discípulos que escutem, sigam o caminho de Jesus e O anunciem pela missão. Aberta a toda a gente, a paróquia necessita de grupos que sejam fermento a levedar a massa. O seu dinamismo comunitário e missionário depende da vitalidade espiritual dos grupos apostólicos que a integram.

Assim a catequese catecumenal, na medida em que forma discípulos missionários, contribui também para revitalizar as paróquias como comunidades dinâmicas na vida comunitária e na missão. Nessa linha deve propor percursos de catequese adequados a todas as idades procurando criar grupos que sejam células eclesiais de vida fraterna e de missão.

29. Discípulos missionários

O perfil de discípulo missionário, recomendado pelo Papa Bento XVI e insistentemente também pelo Papa Francisco, corresponde ao Evangelho e vai de encontro à sensibilidade das pessoas do nosso tempo. De facto, apresenta uma imagem dinâmica e motivadora do crente. Discípulo é o que faz caminho, que progride em sabedoria e em perfeição. Ora as pessoas desejam crescer e ser valorizadas pelo contributo que prestam à edificação de um mundo mais justo e humano, segundo o projeto de Deus.

Formar discípulos é propor Cristo como caminho, verdade e vida e acompanhar nesse caminho. Um caminho novo e vivo que progride. Não se conclui com um sacramento (o Crisma ou a Eucaristia). As etapas iniciam novas caminhadas. Frequentemente se entende a catequese

como um curso para chegar a uma etapa celebrativa. Concluída esta está arrumada. Acabam os encontros de formação. Mas poderemos fazer caminho sem postos de abastecimento, sem fontes onde vamos beber? Por isso, pertence à catequese criar rotinas, solidificar ritmos, dar instrumentos para o caminho, pôr em contacto com as fontes de água viva que alimentam a fé.

Fazer discípulos missionários é, portanto, a finalidade que queremos alcançar na formação cristã e que procuramos realizar à medida das capacidades (ou da estatura) de cada idade: nos adultos; nos adolescentes e jovens; e também na infância. Vamos abordar algumas das características da catequese de cada uma destas faixas.

Formação cristã de adultos

30. Prioridade da educação cristã dos adultos

Desde o Sínodo de 1977, sobre a catequese, temos vindo a amadurecer a convicção de que a catequese dos adultos é a principal forma de catequese. São eles que governam e orientam e, portanto, influenciam decisivamente as crianças e os jovens. Nesse sentido a CEP publicou em 1994 uma Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos em que, referindo vários níveis ou fases desta formação, insistia na necessidade de um nível básico que proporcionasse uma visão de conjunto e atualizada da fé nos seus elementos integrante e atenta a todas as dimensões da fé.

Na prática temo-nos deparado com muitas dificuldades para levar à prática esta proposta. Os adultos estão muito ocupados, dispersos e pouco motivados para uma catequese sistemática que julgam própria para a idade da infância que já ultrapassaram. Não têm tempo, dizem. No fundo também não estão convencidos e motivados. Os que respondem são muitas vezes as pessoas idosas mais disponíveis para estas propostas.

No entanto, temos dado alguns passos importantes. Em muitas comunidades tomaram-se iniciativas para sensibilizar e reunir, com bons frutos, grupos de adultos para a catequese orgânica, comunitária e sistemática que lhes fundamentou uma fé mais convicta e ativa. Esta preocupação deve permanecer como uma prioridade na evangelização, como recomendam o Diretório Geral de Catequese e a Exortação Apostólica Pós – Sinodal “Ecclesia in Europa”.

31. Preparação para os sacramentos da iniciação cristã

A preparação de adultos para os sacramentos da iniciação cristã tem-se mostrado em muitas dioceses uma das formas mais eficazes de evangelização de adultos e jovens. Atualmente bastantes adultos e jovens pedem para entrar na Igreja e aceitam a proposta de se prepararem para os sacramentos da iniciação cristã através de um programa de encontros regulares durante um período não inferior a um ano pastoral. Outros receberam o batismo em crianças mas não participaram na catequese e não celebraram a Primeira Comunhão nem a Confirmação. Muitos destes candidatam-se porque querem ser padrinhos. Neste contexto, por vezes, começam o itinerário por obrigação. Mas depois, à medida que descobrem o segredo da fé, ganham gosto e aderem com convicção.

Os frutos destes itinerários de iniciação cristã estão relacionados com a adoção da pedagogia catecumenal. É oportuno determinar estes elementos pois podem e devem ser empregues noutras modalidades de formação.

32. Pedagogia catecumenal

Uma característica fundamental é viver e apresentar o Evangelho como “o caminho do Senhor”. A formação baseia-se num itinerário que progride para a maturidade cristã com metas, passos e ritmos. Não basta aprender a doutrina, mas, simultaneamente que se avança no conhecimento do conteúdo da fé, é igualmente importante crescer na relação de amizade com Deus e na conversão ao Seu amor e ao do próximo.

Outra é ter presente e procurar atingir a globalidade das dimensões da fé: conhecer a verdade acerca de Deus e do homem; escutá-lo e falar-lhe como um amigo fala ao seu amigo; celebrar os Seus dons nos Sacramentos; praticar o Evangelho pelo serviço a Deus e ao próximo. Estas componentes da fé atingem a globalidade das faculdades da pessoa: inteligência (mente); afeto (coração); vontade (mãos e pés) que se mostra na prática dos mandamentos.

Também a integração na comunidade dos fiéis é uma dimensão capital na pedagogia catecumenal. Por isso, no itinerário de formação são indispensáveis momentos de contacto com a comunidade cristã. Na mesma linha, o caminho é feito em grupo onde os participantes se acolhem, partilham e convivem. É importante, nesse sentido, dar espaço aos momentos de diálogo no grupo com o animador e dos membros entre si. Outro cuidado é que o caminho seja acompanhado por uma equipa e não apenas por um catequista individual. E que a equipa se esforce por criar ambiente comunitário: acolher, encontrar-se, conviver, criar laços.

33. Movimentos Eclesiais

Assistimos nos últimos decénios a uma “nova era agregativa” (ChFL 29). Surgiram, de facto, após o Concílio Vaticano II, novos e variados Movimentos Eclesiais reconhecidos pela Igreja como dons do Espírito Santo para evangelizar o nosso tempo. Vivem do carisma livremente infundido pelo Espírito Santo. Devemos, portanto, considerá-los complementares à paróquia, acolhê-los e dar-lhes espaço.

Dão provas de muitos aspetos positivos na evangelização, como: criar sentido de grupo e motivar para a formação e participação na missão. Alguns manifestam bastante dinamismo apostólico.

Encontramos Movimentos mais orientados para adultos, outros para jovens, outros ainda abertos a todas as idades. A vitalidade varia de

diocese para diocese e depende, em parte, do carisma dos responsáveis. É necessário que as paróquias mostrem abertura e integrem o contributo dos Movimentos na comunhão eclesial.

34. Catequese na família e pela família

A emergência atual da educação tem despertado pais e familiares para o contributo fundamental da educação em família. De facto, aos pais e familiares pertence o direito e o dever da educação pois, ao gerar a vida, assumem também a missão de lhe dar orientação e pleno desenvolvimento. Nem a escola nem a catequese nem qualquer outra entidade podem substituir os pais. Estes são por direito e por dever os primeiros e principais educadores pois, na medida em que os filhos confiam no amor dos pais, consideram-nos como principais referências nas convicções e nos comportamentos.

A catequese precisa, portanto, de esclarecer e envolver os pais na educação cristã dos filhos. Não só informá-los mas formá-los e ajudá-los a aprofundar a experiência de vida cristã de forma que a testemunhem a partir do que vivem.

Uma forma de envolver ativamente os pais que se tem mostrado muito fecunda é a catequese familiar. Trata-se de um modelo de catequese inserido simultaneamente na vida familiar e paroquial das crianças, iniciado entre nós vai para cinco anos mas seguido há muito em países da América Latina e na Europa. Aprofunda a experiência de Igreja doméstica uma vez que envolve párcos, pais, catequistas e crianças no caminho da fé. Todos contribuem de forma ativa com uma função definida para cada encontro, todos cuidam uns dos outros no processo de crescimento espiritual. É um tipo de catequese que educa na fé não só as crianças mas igualmente os pais e educadores. Proporciona uma base que alicerça a vida cristã para o futuro adulto.

Na sua componente familiar, envolve os pais e os filhos na sua relação mútua. São os pais os primeiros a catequizar os filhos mas, ao mesmo tempo, são também eles instruídos nos mesmos conteúdos que transmitem aos filhos. Os pais ensinam os filhos, mas estes também ensinam os pais.

Assim, com os filhos, os pais apercebem-se melhor de que também eles foram e continuam a ser carenciados e dependentes – um pressuposto fundamental para a fé em Deus e para a missão de um bom educador. Por sua vez, é com os pais que os filhos crescem mais facilmente para o amor que deles recebem – e que tem a sua fonte última e principal em Deus. E é nesta dependência mútua que uns e outros se dirigem a Deus, que se revela como Pai, sobretudo em Jesus Cristo seu Filho... e nos pais que, em Cristo, se tornam seus filhos. Deste modo, é nas relações entre pais e filhos que assenta e se torna mais compreensível o cerne da mensagem cristã; e é esta também que, ao ser acolhida e vivida, mais contribui para uma vida familiar verdadeiramente cristã.

A inserção na vida paroquial é salvaguardada: pelos grupos que formam, entre si, tanto as crianças como os pais, uns e outros com encontros semanais; pelos catequistas que os orientam, provenientes da comunidade paroquial; pela participação na Eucaristia dominical, com intervenções relacionadas com a caminhada catequética e nas festas anuais do percurso catequético; deste modo, a participação não pode terminar nem nas férias nem a seguir à Primeira Comunhão. Aliás, foram muitos pais que, felizes com a experiência feita, pediram que o projeto se prolongasse até ao início da adolescência dos filhos.

Outra modalidade, quando a anterior não for viável, é a Escola Paroquial de Pais. Através de reuniões periódicas, duas no mínimo por trimestre, forma e informa os pais dos conteúdos que são propostos aos filhos. Ao informar, deve procurar igualmente, formar e despertar os pais para um maior empenho no encontro e no seguimento de Cristo.

35. Formação de agentes pastorais

Temos muitos fiéis leigos que se dedicam com generosidade e boa vontade à missão da Igreja colaborando nos serviços pastorais da paróquia (catequese, liturgia, caridade) ou participando em Movimentos Eclesiais ou Associações Católicas de fiéis. O trabalho missionário motiva-os para uma formação mais sólida tanto em ordem a desempenhar com qualidade a função pastoral como em crescer no testemunho de santidade, pois esta é a principal colaboração que se pode prestar à construção do Reino de Deus. Por isso, a formação qualificada de agentes pastorais é uma expressão também importante na formação de adultos e no crescimento da vida cristã das comunidades.

36. Grupos de encontro ao redor da Bíblia

A leitura, orante e fiel no tempo, da Sagrada Escritura é um fundamento sólido de encontro e de união com Jesus (Cf VD 72). Como atrás referimos, experimenta-se hoje um desejo de espiritualidade que leva a procurar conhecer melhor as Sagradas Escrituras e nelas encontrar as “Palavras de Vida Eterna” em que ressoa a voz do Espírito Santo. De facto, como nota São Jerónimo “ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”.

Nos últimos tempos têm-se difundido, um pouco por toda a parte, grupos de encontro ao redor da Bíblia. Apresentam formas e métodos diversificados, alguns promovidos pelas paróquias, outros ligados a Novas Comunidades e Novos Movimentos Eclesiais, outros ainda de iniciativa laical de grupos de famílias ou amigos ou vizinhos. Têm em comum a descoberta da beleza e da sabedoria contida na Bíblia, da riqueza sempre nova da sua linguagem simbólica que toca o coração e a sensibilidade do homem contemporâneo. Ao mesmo tempo, as pessoas procuram e experimentam nestes grupos um lugar de acolhimento e encontro, de partilha e amizade que constitui um sólido apoio na vida cristã e humana. Neste contexto, compreendemos a recomendação da Exortação Apostólica “Verbum Domini” de favorecer a difusão de pequenas

comunidades nas quais se promova a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja (Cf VD 73).

Apoiando e recomendando a difusão destes grupos estamos a preparar uma Igreja de discípulos missionários e a proporcionar uma experiência de comunhão fraterna que ajuda a descobrir a Igreja como comunidade reunida pela Palavra. Encontrar a Palavra Viva é encontrar o próprio Cristo Verbo de Deus que cura, liberta, abre à esperança e aproxima as pessoas como membros de uma mesma família. Para apoiar estes grupos devemos formar, nas dioceses e comunidades, animadores bíblicos com competência para abordar o texto das Escrituras e, ao mesmo tempo, com boa capacidade de relação para criar ambiente de escuta, de silêncio e de partilha entre os membros do grupo.

37. Preparação dos sacramentos

Nos momentos cruciais da existência humana, as pessoas recorrem à Igreja a pedir uma celebração litúrgica – Batismo, Eucaristia (Primeira Comunhão), Confirmação, Matrimónio. Devemos entender estes pedidos como um momento de evangelização. As motivações subjacentes são complexas e incluem não só razões de fé mas possivelmente também de integração social. A missão da Igreja é acolher e preparar para avivar a fé de modo a que vivam a celebração como um encontro com a graça de Jesus. Como recomenda o Papa Francisco devemos abrir sempre que possível as portas dos sacramentos para que as pessoas encontrem na Igreja não uma alfândega de controle mas uma casa paterna onde há lugar para todos (Cf EG 47).

Estes encontros devem ter a preocupação referida de cativar e motivar para uma formação mais profunda e prolongada após a celebração.

Educação cristã de adolescentes e jovens

38. Afastamento de adolescentes e jovens

O Papa Francisco, no citado discurso aos bispos, alerta-nos para o afastamento dos jovens. Emprega até a expressão de *“debandada de adolescentes e jovens após o crisma (...) precisamente na idade em que lhes é dado tomar as rédeas da vida nas mãos”*. É um facto chocante que nos desafia a rever a nossa forma e modelo de catequese. Na verdade, após tanto tempo e cuidado que dedicamos à educação cristã dos mais novos, ao longo de um percurso de catequese de dez anos, muitas vezes acrescido de uma preparação específica para o Crisma, quando chega a plenitude da iniciação cristã e esperamos uma adesão convicta e uma participação responsável, abandonam. Ora, como a plenitude da iniciação cristã tem o seu critério de verificação na participação adulta na Eucaristia, parece que perdemos o tempo e semeámos em vão.

Porque se afastam os adolescentes e os jovens após tantos anos de catequese? Será que teimamos em *“vestir-lhe o vestido da Primeira Comunhão que já não lhes serve”*? Ou seja apresentamos-lhe propostas que não correspondem à sua idade? Ou porque não se encontraram com Cristo vivo nem experimentaram o encanto das Suas palavras de vida eterna? Será porque seguimos um modelo escolar em vez de catecumenal? Ou porque as comunidades cristãs não acolhem nem cativam? Ou porque os catequistas (no sentido abrangente que inclui pais, pastores, família) não convencem com o seu testemunho?

Estas várias interrogações do Papa Francisco, convidam-nos, antes de mais, a rever a forma de fazer catequese às crianças e adolescentes e repensar também a pastoral juvenil. Que podemos fazer perante este panorama de abandono?

39. Muitos jovens permanecem e vivem a fé em Igreja

A primeira atitude é ver também a outra face da moeda: há muitos jovens que permanecem e participam ativamente na vida da Igreja. Chegam por variados caminhos e situações. Nesta riqueza variada procuremos descobrir as pedagogias ou dimensões da vida cristã que mais significado têm ou mais cativam os jovens. Essa observação ajuda-nos, certamente, a definir e a organizar algumas propostas para uma nova evangelização dos jovens.

São muitos os Movimentos Eclesiais que se dedicam à evangelização dos jovens e alcançam grande adesão e frutos visíveis. Alguns mais orientados para a formação humana e cristã, outros para a espiritualidade outros ainda para a missão. Mas em regra todos se preocupam com a continuidade da formação e com a integração em grupos e o acompanhamento na mobilidade em que muitos jovens se encontram. Deste modo, através dos Movimentos Eclesiais, muitos jovens têm feito uma experiência de encontro com Deus, na linha do Primeiro Anúncio, e uma aproximação da Igreja.

Os serviços paroquiais integram muitos jovens na catequese, na liturgia e na caridade. É significativo como tem crescido admiravelmente o número de jovens interessados em animar semanas missionárias no tempo de férias. Como os próprios confessam, são eles que mais beneficiam pois, evangelizando outros, também se evangelizam a eles próprios.

40. Perspetivas para a evangelização dos jovens

Estas e outras propostas e iniciativas da Igreja a que os jovens aderem e nas quais vivem com empenho a fé, abrem, portanto, perspetivas para evangelizar os jovens. Notamos que estas iniciativas, sendo diferentes, apresentam algumas características semelhantes: criam sentido de grupo; proporcionam experiências fortes de espiritualidade (oração e escuta

orante da Palavra); incentivam a participação em atividades; promovem o serviço voluntário à comunidade; oferecem um projeto e regras de vida inspiradas na fé cristã. São valores evangélicos que tocam a sensibilidade da idade juvenil. Os jovens mostram abertura à fé e anseiam pela luz e pela graça de Jesus Cristo. Não podemos, por isso, propor-lhes apenas a prática dominical e a presença passiva em reuniões de formação. Precisam de um “vestido diferente do da Primeira Comunhão”. Não desistamos pois de os orientar e acompanhar no caminho de discípulos que progride na união espiritual com o Senhor e na vida fraterna.

Num ambiente em que muitos jovens experimentam a desorientação e o vazio, é necessário que a Igreja ofereça aos que abandonaram a possibilidade de recomeçarem o caminho da fé. A juventude é também a idade de recomeçar. Necessitam e estão abertos a experiências de Primeiro Anúncio que proporcionem o encontro pessoal com Cristo numa comunidade de fé: participação num retiro, numa peregrinação, numa semana missionária, num acampamento formativo ou a integração num Movimento Eclesial. Cuidemos que essa experiência tenha continuidade num grupo de encontro ao redor da Palavra, num grupo paroquial de serviço pastoral, num movimento.

41. Educação cristã dos adolescentes

É aconselhável situar a educação cristã dos Adolescentes na mesma perspectiva dos jovens, integrando-os também em grupos onde possam ser apoiados no caminho do crescimento espiritual e proporcionando-lhes atividades e exercícios de fé adequados à sua idade que amadureçam a sua experiência de fé e os prepare para vida adulta.

O que mais caracteriza os adolescentes é a busca de autonomia e a conseqüente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis. Deixam a tutela dos pais, para criar amizade de preferência com colegas da mesma fase etária. É tal a necessidade do grupo que este chega a ser preferido à família.

Esta característica pede que se faça do grupo de catequese, antes de mais, um grupo de amigos – para mais unidos por laços, não simplesmente humanos, mas pelo amor de Deus revelado em Cristo, o mesmo que une os cristãos numa só Igreja. Se a dimensão eclesial do grupo é fundamental em todas as fases da catequese, é-o muito mais na adolescência.

Há, por isso, que investir na formação da consciência de grupo: por exemplo, levando-o a identificar-se por um nome por ele escolhido (em vez do ano de catequese que lembra logo o do ensino escolar); alargando o relacionamento entre os seus membros para lá do habitual encontro semanal; conjugando a aprendizagem de conteúdos doutrinários com atividades na linha dos exercícios de fé já referidos nesta Carta.

Outra característica a respeitar nos adolescentes é o aumento da capacidade de raciocínio e do espírito crítico. Nesse sentido, dê-se-lhes oportunidade, mais do que nas fases anteriores da catequese, de intervir ativamente na reflexão sobre os temas transmitidos, nas decisões a tomar em grupo e na revisão de atividades realizadas; estando atento, em tudo isso, àqueles que têm qualidades de liderança, para lhes dar a possibilidade de as desenvolverem no interior do grupo e, um dia, poderem eles próprios acompanhá-lo e orientá-lo, na fase seguinte da catequese juvenil.

Para isso o catequista seja sobretudo um animador que propõe e orienta; que caminhe com os adolescentes, aproveitando os seus recursos humanos e espirituais e acolhendo-os nas suas dúvidas e hesitações, necessidades e sonhos; enfim, que seja convicto nas ideias, firme nas decisões e sobretudo um amigo, à maneira de Jesus Cristo, de quem é testemunha.

Catequese de infância

42. Preocupações atuais na catequese de infância

Com tradição arraigada entre nós, a catequese de infância é consequência necessária do batismo: *“Por sua própria natureza o Batismo das crianças exige um catecumenado pós-batismal. Não se trata apenas de uma instrução posterior ao batismo, mas do desenvolvimento necessário da graça batismal no crescimento da pessoa. É o espaço próprio da catequese” (ClgC 1231).*

Desde o Concílio que temos vindo a implementar a pedagogia catecumenal e a elaborar novos catecismos para a infância e a adolescência, como referimos logo no início desta Carta. No entanto, a renovação deve continuar e vencer algumas fragilidades deste percurso. As crianças têm gosto e necessidade de crescer na vida espiritual e a catequese de infância é das atividades pastorais que maior apreço e dedicação merece da parte das comunidades. Por isso, todos devemos cuidar da sua qualidade e eficácia.

A participação ativa e atenta das crianças e dos adolescentes na eucaristia é o momento culminante da sua educação cristã. Constitui também uma grande riqueza e alegria para os participantes das nossas assembleias eucarísticas. Por isso, todos sentimos pesar pelas crianças que faltam às celebrações litúrgicas, designadamente nas férias escolares. O que leva a que muitas não participem nos grandes mistérios cristãos da Encarnação e da Páscoa.

Outra direção em que temos de insistir é o envolvimento da família na educação cristã dos filhos. Através das crianças e com as crianças devemos ter o cuidado de evangelizar a família. Muitas vezes são as próprias crianças que chamam os pais e familiares para regressarem ao contacto com a vida cristã. Na verdade também as crianças podem ser missionárias.

Outra preocupação que devemos ter presente é uma melhor ligação e complementaridade entre os vários lugares de formação. Numa cultura dispersa e secularizada, precisamos de unir todas as forças vivas ligadas à educação cristã para que se apoiem e colaborem mutuamente de modo a que a catequese possa atingir o maior número de crianças e dar mais frutos. Por exemplo: os professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC); o Escutismo; os Centros Sociais Paroquiais e Santas Casas da Misericórdia, sobretudo quando lidam com crianças; os Movimentos Eclesiais e Associações Católicas de fiéis.

Também se mostra bastante débil a relação dinâmica das dimensões da vida cristã que mutuamente se apoiam e complementam (conhecer, orar, celebrar, praticar). Frequentemente a experiência de oração e de união ao Senhor não está ainda alcançada; do mesmo modo mostra-se débil a participação ativa e consciente na liturgia, sobretudo na Eucaristia; também o empenho em seguir o caminho do Senhor não é sólido. Por isso, devemos esforçar-nos por cuidar continuamente da dimensão querigmática e mistagógica na catequese e da iniciação das crianças nas várias componentes da vida cristã.

43. O despertar da fé na primeira infância

Para as crianças da primeira infância, na idade anterior ao uso da razão, há o projeto do despertar da fé. De facto, também nesta idade as crianças estão em condições de entrar em íntima comunhão com Deus e precisam de educação cristã adequada. Esta tem, habitualmente, efeitos determinantes para a futura adesão e prática de fé.

Nesta idade, as crianças são levadas a aderir ao que veem nos adultos dos quais dependem e, por isso, têm de ser os pais e as pessoas que com eles colaboram os principais agentes do despertar da fé.

O projeto foi pensado primariamente para jardins de infância. Mas também pode ser usado por pais e outros familiares das crianças; e ainda

pelas paróquias preocupadas em começar a educação cristã antes da catequese propriamente dita.

O conteúdo não é ainda um ensino sistematizado, mas parte sobretudo das tradições e manifestações religiosas em que as crianças desta idade já participam, designadamente pelo Natal, Páscoa e festas de santos mais populares, para lhes transmitir o seu sentido originário e profundo, dentro da revelação e ação salvífica de Deus.

No método, aposta nos afetos, principalmente da parte dos educadores que assim, pelo que fazem e dizem às crianças, se tornam para elas as principais testemunhas do amor de Deus. Nesse sentido, nada lhes impõem, mas caminham com elas, ao ritmo da sua liberdade e capacidade de adesão.

Para refletir e dialogar sobre o capítulo VI: Formar discípulos missionários

O capítulo VI é a conclusão prática e aplicação do que está referido nos capítulos anteriores. Para dar frutos, a catequese precisa de ser global: na catequese todos recebem e todos anunciam. Todos cuidamos uns dos outros, todos nos ajudamos e influenciamos mutuamente. Todos somos discípulos missionários.

Que mudanças implica na nossa forma de fazer catequese a preocupação de formar discípulos missionários?

Porque é prioritária a formação cristã dos adultos? Que experiências funcionam na sua comunidade? Que outras podem lançar-se e alargar-se a um maior número de pessoas?

Como promover a evangelização e a participação de adolescentes e de jovens nas nossas comunidades?

Como pode a catequese de infância e adolescência motivar e envolver os pais e adultos na formação cristã de adultos?

CAP. VII: IGREJA MÃE E MESTRA

44. Igreja comunidade que acolhe, educa e testemunha a fé

Na educação da fé, as diversas faixas etárias atrás referidas, não se podem considerar isoladas ou como compartimentos separados mas como partes integrantes de um todo. Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos fazem parte da mesma família cristã presente na paróquia ou na comunidade que batiza e educa na vida cristã. A fé transmite-se pelo testemunho, irradia de uns para de uns e, por isso, todas as idades se interpenetram, influenciam e mutuamente se enriquecem. Na comunidade de Jesus todos formam um só corpo e todos são chamados a cuidar uns dos outros (1 Cor 12, 12-26). Na verdade a luz da fé que recebemos deve brilhar e irradiar à nossa volta: *“A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como num espelho e, assim se difunde chegando até nós, para que também nós possamos participar desta visão e refletir para outros a sua luz, da mesma forma que a luz do círio, na liturgia da Páscoa, acende muitas outras velas. A fé transmite-se por contacto, de pessoa e pessoa, como uma chama se acende noutra chama”* (LF 37).

Para transmitir a fé não basta uma escola, um compêndio e um professor. É necessária uma comunidade materna que, como Mãe, gera no seu seio a nova vida dos Filhos de Deus e cria condições para o seu pleno desenvolvimento. De modo que a mensagem proclamada sobre o caminho da vida em Cristo seja apoiada pelos sinais visíveis da Igreja, dando resposta ao pedido “queremos ver Jesus”; seja concretizada no estilo de vida dos fiéis mostrando como a fé é uma vocação admirável que age pelo amor e ilumina pela esperança; assim a nova vida pode ser conhecida e recebida na Igreja através dos gestos que significam e comunicam o encontro com Deus, pois quem acredita nasce de novo e recebe alimento para um caminho novo. A Igreja é verdadeiramente Mãe que nos dá a vida espiritual e nos ensina o caminho para a viver em plenitude.

Por isso, a Igreja é comunidade que acolhe. Acolhe os que batem à porta a pedir os sacramentos, os que procuram a luz de Deus na catequese e os que necessitam de afeto e de ajuda. Como escreve o Papa Francisco na “*Evangelii Gaudium*”: “*A Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa*” (EG 47). Nesse sentido, acolhe com ternura as crianças na catequese e, através do percurso próprio e das respetivas celebrações, procura apresentá-las e integrá-las na vida comunitária. Do mesmo modo, tem um lugar e um coração abertos para os adolescentes e para os jovens, para os adultos e para os mais velhos. Todos são bem vindos pois na casa fraterna todos têm lugar, todos são importantes, todos são herdeiros das mesmas bênçãos de Deus.

Comunidade que educa. A comunidade cristã proporciona uma educação global que integra todas as componentes da fé e se dirige à globalidade das faculdades humanas. De facto, na vida da comunidade, o anúncio da Palavra prepara e conduz à celebração dos sacramentos e estes à caridade e ao serviço fraterno. Cada uma destas funções pastorais da mesma missão – profética de anunciar o evangelho; litúrgica de celebrar os dons de Deus; e serviço fraterno da caridade e do testemunho – têm força educativa própria e complementam-se entre si. Uma sem as outras ficaria incompleta. Por isso, a catequese não pode dissociar-se da celebração e da caridade.

Comunidade em missão, que sai em direção aos outros para chegar às periferias humanas e que se preocupa com tantos irmãos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus (Cf EG 46-49). Na Igreja em que todos são discípulos, todos se apoiam no caminho; do mesmo modo, numa comunidade missionária, todos são convidados a levar uns aos outros a boa notícia: os pais convidam os filhos mas também estes chamam os pais; os avós transmitem aos netos mas estes alegram e motivam os avós. Todos cuidam uns dos outros e se acompanham mutuamente no caminho da vida.

45. Catequista rosto da comunidade

O catequista (ou animador de grupo) dá rosto à comunidade cristã, é seu representante e porta-voz. Em nome da Igreja e apoiado pelo testemunho vivo da comunidade, acompanha os catequizandos no caminho que ele próprio faz. Ao praticar uma atividade eminentemente eclesial deve realizá-la em total comunhão com a Igreja, plenamente integrado na comunidade cristã local e agir, na medida do possível, em equipa (em conjunto com outro(s) catequista(s) ou pais).

Na linha das propostas apresentadas nesta Carta, o catequista deve considerar-se um guia que acompanha no encontro e no caminho de Jesus. Não poderá ser bom catequista se não tiver uma experiência pessoal de encontro e de amizade com Jesus cultivada pela escuta orante da Palavra viva, pela oração intensa, pela participação frutuosa na Eucaristia. Não poderá formar discípulos se ele mesmo não for discípulo missionário com entusiasmo e esclarecimento.

Compreendemos, nesta perspetiva, a recomendação do Sínodo de 1977, sobre catequese, de considerar a formação de catequistas de importância capital a merecer precedência em relação à renovação dos instrumentos e da própria organização catequética (Proposição 31 do V Sínodo dos bispos). De entre as várias dimensões da formação de catequistas (teológico-doutrinal, antropológica e pedagógica), devemos hoje realçar a dimensão espiritual como fundamento que dá suporte e estímulo a todas as outras dimensões. Neste sentido, o catequista deve desenvolver a paixão por Jesus e a paixão pelo seu povo progredindo na aproximação a Jesus e àqueles que Lhe são confiados (Cf EG 268).

46. A alegria do caminho do Senhor

«*Alegrei-me quando me disseram: “vamos para a casa do Senhor”*» (Sl 121 [122]). Caminhamos unidos em Igreja, seguindo Jesus, fortalecidos pelo Espírito Santo, acompanhados e apoiados uns nos outros. Vamos

com alegria, cantando, pois sabemos a meta – a cidade santa, a morada espiritual onde Deus habita – e confiamos naqueles que nos transmitiram o caminho da verdade e da vida. Neste povo numeroso como as estrelas do céu precisamos de guias e de animadores que caminhem à frente, a incentivar o ritmo do caminho. São os discípulos missionários, fermento da Igreja que acolhe as multidões. Precisamos deles para que as nossas comunidades possam transmitir a fé e orientar no caminho do Senhor. Formar discípulos missionários é obra da catequese e dos catequistas, uma missão bela de fazer brilhar a luz de Cristo na Igreja para que possa iluminar os povos.

Para dialogar e refletir sobre o capítulo VII: Igreja Mãe e Mestra

O capítulo VII é a chave que resume e interpreta as muitas alíneas do capítulo anterior. De facto, as várias faixas etárias não formam compartimentos separados mas são partes integrantes da mesma família cristã, formam a comunhão dos santos, a cidade de Deus que ilumina com a luz de Cristo os povos à sua volta.

Desde o Concílio Vaticano II a Igreja vive um processo de profunda renovação. Cresceu na dimensão comunitária, desenvolveu a participação de todos os fiéis, promoveu o dinamismo missionário. Procura apresentar-se como uma casa fraterna de portas abertas para todos, próxima da vida e dos problemas reais das pessoas. É neste contexto eclesial que devemos entender o perfil e a função do catequista, rosto e porta-voz da comunidade.

Que sinais de renovação da Igreja verifica na sua comunidade?

Como caracteriza a imagem do catequista numa Igreja renovada? Como devemos renovar a formação de catequistas? Que etapas e conteúdos considera importantes nesta formação? Dê sugestões para organizar melhor a formação de catequistas na sua diocese.

Pronunciamento geral

Que luz traz este documento para as dificuldades que sentimos na catequese? Em que medida é que estas acentuações podem contribuir à renovação da catequese necessária neste momento? Quais lhes parecem as mais importantes? Que outras acentuações ou alternativas sugere?

O próprio título mostra a perspectiva que desejamos seguir, inspirada na “Evangelii Gaudium”. Esta perspectiva aparece clara no conjunto da redação?

Janeiro de 2016

Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé